

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 25)

Serra do Pilar, 28 setembro 2017

- P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29)!
- R. E desça sobre nós a tua bênção!
- P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!
- R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (Mt 18,15-20)

Disse Jesus aos seus discípulos: Se o teu irmão te ofender, vai ter com ele e repreende-o a sós. Se te escutar, terás ganho o teu irmão. Se não te escutar, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas. Mas se ele não lhes der ouvidos, comunica o caso à Igreja; e se também não der ouvidos à Igreja, considera-o como um pagão ou um publicano. Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na terra será ligado no Céu; e tudo o que desligardes na terra será desligado no Céu. Digo-vos ainda: Se dois de vós se unirem na terra para pedirem qualquer coisa, ser-lhes-á concedida por meu Pai que está nos Céus. Na verdade, onde estão dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.

Salmo 32 - A felicidade do perdão

Esta é a geração dos que procuram o Senhor!

Feliz aquele a quem é perdoada a culpa
e absolvido o seu pecado.

Feliz o homem cuja ofensa o Senhor esqueceu
e em cujo espírito não há engano!

Enquanto calei o meu pecado,
o meu coração esgotava-se em sofrimento,
a tua mão pesava sobre mim dia e noite
e eu secava como a erva no estio!

Confessei-te depois a minha falta,
e não te escondi os meus erros;
eu disse: "Confessarei ao Senhor a minha falta"
e tu perdoaste a minha culpa.

Por isso, todo o crente que te invoca
na hora da angústia,
mesmo que as torrentes se desencadeiem,
elas não poderão submergi-lo.

Tu és, ó Senhor, o meu refúgio,
tu me livras da angústia;
Tu fazes ouvir à minha volta
cânticos de libertação!

"Eu vou instruir-te, diz o Senhor,
velando por ti, vou ser o teu conselheiro:
vou indicar-te o caminho,
a rota que precisas de seguir!"

Não sejas irracional como cavalo ou jumento
cujo ímpeto só com freio e cabresto;
são muitos os sofrimentos do ímpio,
mas a quem confia no Senhor ele o envolve!

Alegrai-vos, justos, no Senhor,
exultai, retos de coração.
Glória ao Pai que respondeu ao nosso apelo,
por Jesus, com a força do Espírito!

O perdão que Jesus oferece

Jesus concebia e vivia as refeições com os pecadores como um instrumento de cura. Vendo-se acusado pela sua conduta estranha e provocadora, respondia com este adágio: "Não são os que tem saúde que precisam de médico, mas sim os enfermos". Estas refeições possuíam um carácter terapêutico. Nelas, Jesus oferecia-lhes a sua confiança e a sua amizade, libertava-os da vergonha e da humilhação, resgatava-os da marginalização, acolhia-os como amigos. A pouco e pouco ia despertando neles o sentido da sua própria dignidade, o sentido de que não eram merecedores de nenhuma rejeição. Pela primeira vez, sentiam-se acolhidos por um homem de Deus. Dali em diante, a vida dele s podia ser diferente.

Por isso, eram refeições alegres e festivas. Bebiam vinho e, provavelmente, entoavam cânticos. No íntimo do seu coração, Jesus celebrava com alegria o retorno dos que andavam desviados da comunhão com o Pai. Também eles eram filhos e filhas de Abraão. A alegria de Jesus contagiava toda essa gente. Não se podia estar triste na sua companhia. Seria tão absurdo como jejuar junto do noivo no dia da boda. Evidentemente, não se tratava de banquetes de carácter dionisiaco, como aqueles que tinham lugar em Séforis e Tiberíades. Jesus não convidava para a libertinagem. Não justificava o pecado, a corrupção ou a prostituição. O que fazia era cortar com o círculo diabólico da discriminação, criando um espaço novo para o encontro amigável com Deus.

Jesus sentava-se à mesa com os pecadores não como juiz implacável, mas como um amigo acolhedor. O reino de Deus era uma graça e não um juízo. Deus era uma boa notícia, nunca uma ameaça. Os pecadores e as prostitutas podiam alegrar-se, beber vinho e cantar juntamente com Jesus. Essas refeições eram um autêntico "milagre" que os curava interiormente. Começavam a intuir que Deus não era um juiz terrível que os esperava cheio de ira, mas um amigo que deles se aproximava a oferecer a sua amizade. O acolhimento de Jesus conferia a estas mulheres e a estes homens força para se reconhecerem pecadores. Não tinham nada a temer. O desprezo e a exclusão social impediam-nos de olhar para Deus com confiança. O acolhimento de Jesus devolvia-lhes a dignidade perdida. Não tinham necessidade de se esconderem de ninguém, nem sequer de si próprios. Podiam abrir-se ao perdão de Deus e transformar-se. Com Jesus tudo era possível.

Aos pecadores que se sentavam consigo a mesa, Jesus oferecia-lhes o perdão juntamente com um acolhimento amistoso. Não havia nenhuma declaração. Não os absolvía dos seus pecados. Acolhia-os simplesmente como a amigos. As fontes cristãs conservaram duas cenas nas quais Jesus, solenemente oferece o perdão em nome de Deus. Numa delas, sucedida em Cafarnaúm, ao ver um paralítico estendido a seus pés, sem força para caminhar, Jesus disse-lhe com uma ternura especial: "Filho, os teus pecados estão perdoados". Numa outra, não menos enternecedora, à prostituta que lhe ungiu os pés com lágrimas, beijos e carícias, Jesus disse-lhe estas palavras que a deveram encher de paz: "Os teus pecados estão perdoados".

O teor destes relatos não nos permite assegurar a sua autenticidade. Provavelmente, Jesus expressou aos pecadores o perdão de Deus com fórmulas audazes que provocaram indignação. Mas não era essa a sua maneira habitual de actuar nas refeições com os pecadores. Por detrás daquela fórmula solene, em que Jesus oferecia em nome Deus um "perdão-absolvição", Deus aparecia como um "juiz" compassivo e

bondoso, sem dúvida, mas sem deixar de ser juiz. Não era isso que Jesus revelava com o seu "perdão-acolhimento" quando se sentava à mesa com os pecadores. O acolhimento que ele fazia aos publicanos e às prostitutas incluía a absolvição do pecado, mas era muito mais do que isso. Jesus queria dizer que Deus se dirigia ao pecador, não como um juiz que ditava uma sentença, mas com um pai que tentava recuperar os filhos perdidos.

Provavelmente, foi nestas refeições onde se aprendeu a rezar a Deus a oração do Pai Nosso. Invocar a Deus como Pai, enquanto comiam e bebiam juntos à volta de Jesus, era uma experiência nova que os ia curando interiormente e os ajudava a voltar para Deus, a quem começavam a sentir como Pai. A pouco e pouco, entusiasmados por Jesus, começaram a chamar-lhe *Abbá*, a bendizer o seu santo nome santo e a pedir-lhe que se cumprisse neles o grande anseio de Jesus: "Venha o teu reino". Esses homens e essas mulheres, desprezados por quase todos, não pensavam em coisas muito elevadas. Jesus ensinava-os a ser realistas. Pediam pão: que não faltasse a ninguém, no dia a dia, um bocado de pão, mesmo que fosse de cevada. Pediam-lhe também perdão, como eles próprios estavam dispostos a perdoar, ultrapassando os impulsos de vingança e de ressentimento que brotavam do seu coração. Não estavam a pensar só no reino de Deus, que chegaria um dia longínquo para libertar o mundo do mal. Pediam para experimentar já agora a chegada de Deus Pai a fim de viverem como seus filhos e filhas: com um bocado de pão para levar a boca e com forças para se acolherem e perdoarem mutuamente. Deste modo, comendo e bebendo juntamente com Jesus, aqueles "perdidos" iam experimentando que Deus estava a chegar às suas vidas não com "grandes sinais do céu", como alguns exigiam, mas como uma força compassiva que os curava e transformava. Ao pé de Jesus, estavam a começar a entrar num mundo novo que jamais tinham imaginado e a que Jesus chamava "reino de Deus".

José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pág. 209-212)

Oremos (...)

Modifica, ó Pai, os nossos pensamentos
segundo os teus pensamentos
e orienta pelos teus os nossos caminhos;
porque a multidão dos marginais que procuras
e a quem nos enviaste a anunciar a Boa Nova
aguarda um outro tipo de Apóstolos,
que nós ainda não somos!

Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que nos habita!

Ámen!